



Ano 1 | # três | edição bimestral | maio e junho de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

A mídia e educação - diálogos necessários nas interfaces

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Coleção Temas & Educação. 111p.

ISBN: 978-85-7526-350-1

Sidney Fagundes¹

Início essa resenha com um elogio ao esforço de reflexão proposto pelos autores no sentido de, primeiro, reconhecer historicamente as interfaces existentes entre dois campos das ciências sociais que se inter cruzam, mutuamente se beneficiam de suas produções. Ambos são parte integrante da ação comunicativa das comunidades humanas desde os primórdios de sua existência, mas que o próprio desenvolvimento das sociedades os distanciou, a comunicação e a educação.

TOSTA e MELO (2008) conseguiram nas 111 páginas dessa obra demarcar uma nova fronteira que a cada dia se mostra viva, pulsante e renovadora, **a educomídia**. O encontro entre o campo da educação e da comunicação enquanto ciências específicas, entrecruzadas, se mostram cada vez mais necessário e importante para o momento vivido por ambas, pois na construção desses campos de saber, concomitantemente constituíram-se lógicas específicas demarcadas no tempo e no espaço, e dotadas de características que se amalgamaram nas sociedades como fruto do desenvolvimento social e do progresso tecnológico.

Nas primeiras páginas a obra faz uma breve retomada sobre a crise epistemológica das ciências sociais refletida sobre ambos os campos, nesse caso, devido, particularmente, às transformações tecnológicas advindas da primeira e segunda revolução industrial. No caso da comunicação essa inserção de tecnologias tem transformado significativamente os padrões de produção e recepção dos conteúdos e saberes, chamados por Melo e Tosta de midiológicos. Essas mudanças configuraram o quadro de crise das ciências definido como crise de paradigma por Thomas Kuhn (1971), citado pelos autores.

Ao valorizar essa construção permeada pela cultura, sendo ela mesma sua geradora e seu filtro, enxergar essas interfaces depende da calibragem de um olhar para a dimensão histórica e antropológica: no caso da comunicação em suas modalidades nas

¹ Historiador, Mestre em Educação, Pesquisador da temática Mídia e Educação.

humanidades, nas artes, nas ciências sociais e nos conhecimentos midiológicos. Levando em consideração as novas tecnologias que potencializaram a circulação e produção da mídia e de seus diálogos com outras áreas do saber; no caso da educação, destacam-se concepções de escola e de aprendizagem construídas historicamente que colocam e deslocam a centralidade do processo comunicativo e dialógico na relação de ensino-aprendizagem. Ora circunscrevendo um locus privilegiado para essa relação, ora, compartilhando-o em busca das experiências da vida cotidiana.

A obra tem a característica de um mosaico onde os autores percorrem a historicidade da constituição dos campos, seus conceitos, mapeados por suas características mais evidentes. Assim, a mídia é apresentada não somente em suas dimensões de construtora e definidora da sociedade moderna e contemporânea, mas também portadora de uma velocidade específica, de uma agilidade, de ser vitrine da sociedade, ao mesmo tempo em que é consumida por esta. Os autores são exigentes na sua capacidade de formulação e definição desses conceitos e opiniões. O campo da educação é reconhecido como espaço fundamental para o desenvolvimento da ciência comunicativa, destacando a expansão da escolarização, pleiteada pelo iluminismo como condição do desenvolvimento do homem e do cidadão, e principalmente, compondo-se como marco indiciário do acesso, uso e apropriação dos conteúdos da mídia.

A especificidade do desenvolvimento da mídia no Brasil é tratada com rigor e clareza, carregada da historiografia política do Brasil Republicano, pela qual são levantadas as raízes históricas dos jornais, da imprensa escrita e mais recentemente da mídia eletrônica e digital. Os autores chegam a sugerir que o desenvolvimento e implantação da mídia no Brasil pode ser comparado ao processo de implantação das capitânias hereditárias, o que explicaria a concentração desses meios em restritos grupos econômicos, fato que é grave obstáculo à consolidação da democracia e da cidadania.

Os autores apontam para a circulação dos conteúdos midiáticos na dimensão das tradições, dos costumes, das chamadas folk mídias que se desenvolvem e circulam de forma muito eficaz nos meios não acadêmicos. São estruturas comunicativas capazes de guardarem significados e signos repassados por grupos humanos a outros povos e principalmente aos seus sucedâneos. Essas formas simbólicas demarcam um conflito da produção midiática local/regional e o nacional.

As trajetórias e projetos pioneiros que buscaram as aproximações necessárias entre a mídia e a educação são recuperados e analisados com maestria nesse texto, com destaque aos projetos de LCC (Leitura Crítica da Comunicação) com o apoio de parte da Igreja católica no Brasil. Segundo os autores tais projetos teriam sido formulados e desenvolvidos sob a perspectiva dos estudos frankfurtianos e traziam uma visão acentuadamente negativa da mídia, muito própria do contexto político em que emergiram. Nessa tentativa de leituras críticas e de educação do receptor, além de usos pedagógicos dos meios de comunicação, predominaram interpretações que enxergaram a mídia pelos aspectos negativos e sob o olhar da reprodução das desigualdades ou como aparelho ideológico do Estado. Na argumentação desenvolvem e reconhecem as limitações desses projetos em que terminaram por secundarizar as potencialidades educativas dos meios.

Por outro lado, os autores estão atentos para os efeitos da inserção das novas tecnologias e equipamentos digitais na vida de seus usuários, que, estariam modificando os tradicionais hábitos de leitura e de cognição outrora vivenciados pelos sistemas de circulação midiática e de educação. Apoiados em pesquisas científicas, apontam para os

malefícios e as perdas causadas pela leitura verticalizada de textos e imagens feitas através dos equipamentos digitais, em particular o computador. Interrogam a respeito destas aprendizagens que podem denotar um novo conflito entre a mídia e a educação. Situação em que os equipamentos e as tecnologias digitais estariam retirando saberes humanos e deixando no lugar um vazio, sugerindo um caos da memória, como afirma Collavitti (2002). Ao lado dessas preocupações, porém, os autores apontam a necessidade de atuação dos agentes da educação frente a esses desafios criados pela internet e pela televisão. Sinalizam para inserção ou reconhecimento da escola, de uma tecnocultura e da utilização das linguagens midiáticas e de meios audiovisuais no seu cotidiano.

Os problemas relativos à aproximação entre os campos da educação e da mídia, tematizada pelos autores no último capítulo, sugerem a demanda de uma flexibilização dos modelos estabelecidos do que seja o conhecimento midiático e um reconhecimento de que o acesso e o uso desses meios e equipamentos em si já compõem uma nova forma de aprender e de apreender as realidades humanas.

Os desafios educomidiáticos propostos aos campos da educação e da comunicação descritos pelos autores revelam a necessidade de um esforço e a necessidade de romper as barreiras impostas ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu acesso pela população de uma forma geral. Alegam que o consumo de um meio leva a outro, como a leitura de um livro pode levar a um filme. Ressaltam essas que essas iniciativas passam longe das aproximações do passado e das já existentes.

No caso brasileiro, como na maior parte da América latina, apontam complicadores e empecilhos a esse desenvolvimento na chamada “cultura do silêncio”, na lentidão como que a população brasileira teve acesso a escolarização e a conseqüente tradição da oralidade ter beneficiado a televisão como principal meio de comunicação, quebrando a horizontalidade vivenciada nos países onde a escravidão e o colonialismo não estiveram presentes.

Os autores sinalizam para um novo campo de informação, como também da exclusão cognitiva contida na mídia eletrônica, distante dos meios tradicionais, impondo barreiras ao saber e ao conhecimento, às aprendizagens e à atuação cidadã. Para onde instituições, como as ONGs têm inaugurado um novo olhar, agora descontaminado dos ranços outrora levantados como impossibilidades. O domínio do código alfabético qualifica a leitura da mídia e também as exigências acerca de sua produção. Mas em contextos que evidenciam a falta desse domínio a presença da mídia se renderia diante dos seus imperativos e formatações neocognitivas.

O livro ainda trás generosas contribuições de quem viveu intensamente e de modo quase visceral a comunicação neste país, como é o caso de José Marques de Melo, formador de inúmeras gerações de profissionais e pesquisadores da mídia no Brasil. São os apêndices que comentam documentos normativos da educação nacional, recuperam, historicamente os precursores da Educomídia no Brasil e ainda oferecem uma biblioteca de fontes multimídia em educação e comunicação.

No apêndice A dessa valiosa obra os autores retomam um documento importante da legislação federal, Resolução nº 02/97 que estabelece as atribuições dos profissionais para o exercício da docência e a carreira de magistério. Vale ressaltar os critérios de qualificação mínima estabelecidos pela CNE – Câmara Nacional de educação, nos termos do artigo 4º da mesma. O professor na educação infantil e nas quatro primeiras

séries do fundamental deve ter qualificação mínima do Ensino Médio Completo na modalidade normal; Ensino superior em curso de licenciatura plena para a docência nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio; e ainda formação superior em área específica para essas mesmas séries; e para as demais áreas de magistério a graduação mínima em Pedagogia ou Pós-graduação nos termos dos artigos 22, 23, 28, 32, 34, 64 da lei nº 9394/96. Continuam sua análise da LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação explicitando os incentivos dados à progressão e qualificação do trabalho docente e finalmente as competências a serem adquiridas pelos discentes na sequência do currículo, com destaque a inserção das tecnologias e ensino à distância.

No apêndice B é feita uma cronologia da educomídia no Brasil percorrendo os projetos de educação para os meios e através deles entre os quais destaco as seguintes iniciativas: Roquette-Pinto (1923) que funda a rádio sociedade do Rio de Janeiro (atual rádio MEC) com a finalidade de educar o povo e popularizar a cultura e o lançamento de seu livro *Seixos Rolados*(1927), no qual inclui textos contendo suas idéias educacionais; 1929 Fernando de Azevedo institui o uso do cinema educativo na rede de ensino primário do Rio de Janeiro; 1931 J. Canuto Mendes de Almeida lança o livro, *Cinema contra Cinema* (São Paulo: Nacional), com o aval de Lourenço Filho defendendo a tese de que os efeitos do “mal cinema” devem ser “curados” pelo “cinema educativo”; 193- Anísio Teixeira funda no Rio de Janeiro a Rádio Escola Municipal contando com a colaboração de Roquette-Pinto; 1934 Celso Kelly publica o livro “Educação social”(São Paulo: Nacional), no qual reconhece e valoriza o potencial educativo da mídia, especialmente no rádio e do cinema; 1936 Roquette-Pinto funda e dirige o Instituto Nacional de Cinema Educativo, convidando Humberto Mauro para produzir documentários históricos;

1939 Guerino Casassanta, professor da Escola Normal de Belo Horizonte, lança o livro “Jornais Escolares”(São Paulo: Nacional), fundamentado nas propostas pedagógicas de Dewey e Freinet; 1944 Adalberto Mario Ribeiro publica o ensaio avaliando a trajetória do cinema educativo no país na Revista do Serviço Público(v.7.n.3, Rio de Janeiro, p.1-20); 1945 Benjamim do Lago dirige o projeto Universidade do Ar, baseado no método da rádio escola, patrocinado pelo SENAI e pelo SESC e difundido pelas Emissora Associadas, as idéias que nortearam a ação educomidiática de Lago estão enfeixadas nos livros *Educação Popular: Comunicação, Educação e Desenvolvimento*(Rio de Janeiro: Gernasa, 1969; 1971, 2ed.); 1957 Guido Logger lança o livro *Elementos de Cinestética*(Rio de Janeiro: Agir), seguido de *Educar par o Cinema*(Petrópolis: Vozes) e *75 anos de Cinema*(Rio de Janeiro: CCC), trilogia que muito influenciou os movimentos católicos de leitura crítica do cinema; 1958 José Rafael de Menezes lança o livro *Caminhos do Cinema*(Rio de Janeiro: Agir), obra de referência para o movimento cineclubista do Nordeste; 1963- Paulo Freire e sua equipe divulgam na revista *Estudos Universitários* (n.4, Recife: Universidade do Recife) a fundamentação teórica e as diretrizes pedagógicas do processo que veio a ser conhecido como Sistema Paulo Freire, no qual o diálogo comunicação-educação adquire força e se projeta internacionalmente;

1965 Samuel Pfromm Neto publica o artigo “O Impacto da Televisão sobre os alunos de Escolas Primárias”, o embrião de uma obra densa e rigorosa, consubstanciada nos livros “Comunicação de Massa(São Paulo: Pioneira, 1977) e *Telas que ensinam*(Campinas: Alíneas, 1998); 1965 Alfredina Paiva e Souza publica o Relatório da TV escola(Rio de Janeiro: Fundação João Batista do Amaral), avaliando a experiência carioca de ensino pela TV; 1967 Irene Tavares de Sá publica o livro “Cinema e Educação”(Rio de Janeiro: Agir), obra de referência para os professores da rede escolar em todo o país; 1970- Anísio Teixeira publica “O pensamento precursor de McLuhan” na Revista

Brasileira de Estudos Pedagógicos (Brasília, v.54, n.119, jul./set.p.242-248), na qual analisa e descreve a forma por meio da qual o autor sente e explica o papel das tecnologias na variação de nossos modos de usar os sentidos e os nossos desafios apresentados por esses processos para a harmonização de nossa percepção e de nosso ser; 1971 Lauro de Oliveira Lima publica o ensaio “Mutações em Educação segundo Mc Luhan” (Petrópolis: Vozes) que se converte em Best Seller, contribuindo para neutralizar os preconceitos dos educadores em relação ao sistema midiático e para fomentar o diálogo interdisciplinar de que resultou o campo da educomídia no Brasil.

O apêndice C oferecem um mapa das atuais iniciativas da educomídia compondo uma biblioteca multimídia disponibilizadas pela indicação de ONG's, revistas, livros, vídeos, filmes, sites e portais, onde a leitura crítica dos meios de comunicação, democratização desses meios em comunidades de risco aparente, aprendizado de produção de jornais, rádio, TV e internet. Como resenhista da obra escolhi quatro entidades que, a meu ver, abrirão a curiosidade e o apetite de acesso às demais referências descritas na obra em sua íntegra.

Cidade Escola Aprendiz – São Paulo/SP – WWW.aprendiz.org.br – envolvem jovens em programas educacionais de produção de rádio, vídeos, fanzines e conteúdos de sites. AIC- Associação Imagem Comunitária – Belo Horizonte/MG – WWW.aic.org.br – promovem espaços na mídia para os grupos com pouca oportunidade de visibilidade se coloquem no debate público e na construção da cidadania. AUÇUBA- Comunicação e Educação – Recife/ PE – WWW.aucuba.org.br – O projeto Escola de Vídeo visa desenvolver a criticidade e a criatividade de jovens, utilizando a comunicação numa perspectiva educativa. NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP-ECA/USP – WWW.usp.br/nce - O objetivo do Educom.radio é o de resolver um problema específico: combater a violência, favorecendo uma cultura de paz nas escolas do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de ensino de São Paulo.

Quanto aos inúmeros livros e artigos, destaco os próprios autores a fim de mostrar que, não sem razão, ambos podem falar com amplo conhecimento de causa sobre a temática mídia e educação. MELO, José Marques de. Para uma leitura crítica da comunicação. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. Propõe uma leitura permanente da realidade em que vivemos e na qual intervimos, o autor oferece instrumental teórico para a análise da mídia no Brasil; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. Pedagogia e comunicação no registro da liberdade. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. Historiciza a relação da Igreja Católica com os meios de comunicação e a criação da faculdade de comunicação da PUC- Minas nos anos 70. Finalmente, os autores indicam dois filmes emblemáticos da força e das contradições da presença e atuação da mídia na sociedade: Cidadão Kane e O quarto poder.

Bom, como alerta o prof. Carlos Jamil Cury no prefácio do livro: Pode um professor ou uma professora se alhear do mundo da mídia? pode um agente de comunicação se distanciar do sentido de autonomia próprio da educação como conquista de si e da cidadania? Direi com certeza, não pode! Bem vinda esta publicação, bem vindas as contribuições importantes de Melo e Tosta ao debate e as possibilidades da educomídia.

